Editorial

Carla Kinzo
Estefânia Francis Lopes
Stela Saes[1]

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.153262

A edição de número 22 da Revista Crioula encerra o turbulento ano de 2018 apresentando como proposta de reflexão o dossiê "Espaços em movimento: as literaturas de língua portuguesa em contextos de crise política". Assim, a edição do segundo semestre é aberta com a colaboração da Doutora em Psicologia Social pela USP, Ianá Souza Pereira, refletindo sobre a relevância das escritoras negras brasileiras e moçambicanas, com o enfoque, segundo as suas próprias palavras, na "escrita como ação política e a resistência dessas mulheres que agem política e ideologicamente para descolonizar a história e as mentes dos leitores". Ao apresentar trajetórias de resistências que se colocam em espaços de constantes transformações, as escritas literárias em língua portuguesa oferecem não apenas uma reação, mas um posicionamento e um possível caminho para contextos de crise política.

Vale ressaltar, de início, o poema "Nosso tempo", de Carlos Drummond de Andrade, que fez parte do chamamento dessa edição: "Calo-me, espero, decifro / As coisas talvez melhorem. / São tão fortes as coisas! / Mas eu não sou as coisas e me revolto. / Tenho palavras em mim buscando / canal, / são roucas e duras, / irritadas, enérgicas, / comprimidas há tanto tempo, / perderam o sentido, apenas querem explodir". Essas imagens são tão presentes

1 As editoras são alunas de pós-graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

para o poeta quanto as incertezas políticas de países que apresentam democracias frágeis, fruto de um passado histórico forjado sob violências e arbitrariedades. O início da estrofe seguinte do poema, todavia, nos adverte: "mas ainda é tempo de viver e contar. / Certas histórias não se perderam". Essa é a contribuição que procuramos oferecer, no âmbito dos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, durante a tessitura do processo editorial na presente edição da Revista Crioula.

Assim, por meio de artigos que apresentam como enfoque a ficção portuguesa questionadora das tradições do país após o 25 de abril em escritoras como Dulce Maria Cardoso e Lídia Jorge, e também em José Saramago - autores que nos auxiliam a pensar a democracia representativa na atualidade -, é possível visitarmos questões políticas do espaço português e ampliarmos os debates acerca dos constantes e inevitáveis diálogos entre literatura e política.

Ademais, as Literaturas de Língua Portuguesa analisadas nos artigos da presente edição corroboram uma reflexão sobre impactos históricos e suas consequências traumáticas em países que sofreram a colonização portuguesa. Em "Não somos 'portugueses de segunda': o estabelecimento de identidades mediadas pela memória e pelo esquecimento da colônia", de Viviane Madeira, revisitamos o sistema colonial na Índia e em África em romancistas portuguesas que revelam as contradições desse sistema por meio da literatura. Ou ainda sobre a colonização no Brasil e seus contrastes, na análise comparada dos romances de José de Alencar e Lourenço da Silva Araújo Amazonas.

Os artigos apresentam também como pontos em comum questões referentes à memória e à identidade, seja ao refletirem sobre o trabalho crítico de Antonio Candido acerca do romance de 1930 ou por meio do espaço social como elemento central na obra *Manual Prático do Ódio*, de Ferréz. A presença e a valorização da mulher negra no mercado editorial é outro importante questionamento que nos é revelado no artigo de Anselmo Peres Alós e Jerfferson Paim Luquini.

O Diário Acadêmico, de Lígia Moscardini, professora de ensino público, doutoranda, poeta e militante por uma educação pública de qualidade, complementa a edição 22 compartilhando com os leitores a sua trajetória de resistência desde a escolha profissional, como bem sintetiza o subtítulo "Mas... você vai ser professora?", até o firme posicionamento frente às ofensivas que a educação vem passando. Ela ainda nos brinda com o poema "Audácia", de sua autoria, que encerra o diário.

Nesta edição, temos ainda uma entrevista realizada por Carla Kinzo com a cineasta Maria Clara Escobar sobre seu primeiro longa-metragem, o documentário *Os dias com ele*. Por meio de uma perspectiva pessoal - em que são encaradas as lacunas de sua relação com o pai, o filósofo e dramaturgo Carlos Henrique Escobar -, a história do país nos anos da ditadura de 1964 é vista em seus fragmentos traumáticos. Penélope Salles, por sua vez, contribui para esta edição com uma entrevista que realizou com a escritora Isabela Figueiredo, em Paraty, por ocasião da FLIP, quando lançou seu livro *Caderno de memórias coloniais* e falou sobre seu primeiro livro, *A gorda*. Nascida em Moçambique na época em que o país era uma colônia portuguesa - e pertencente a uma família da aristocracia colonialista -, Figueiredo investiga em sua obra o corpo como um lugar de debate, em que temas como racismo e colonialismo são pontos centrais.

Rodrigo Nunes de Souza e Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega fazem a resenha de *Uns e outros na literatura moçambicana*, de Francisco Noa, reitor da Universidade Lúrio (UniLúrio), em Moçambique. Nesse livro, há um olhar sobre a identidade do país por meio de sua tradição literária, que se vincula diretamente com a tradição oral. Dessa forma, um país plural se apresenta ao leitor em uma trama feita de diferentes línguas e culturas.

Na seção "Poesia, contos e outras prosas", que fecha a edição da Revista, temos a contribuição de Renata de Castro, com o poema "De resistir", dedicado a Virginia Woolf e, alegoricamente, a todas as mulheres que se dedi-

caram à palavra ao longo dos tempos - e que tiveram seus corpos sacrificados nesse processo. Diego Matheus Oliveira de Menezes nos apresenta o conto "O Museu dos Chapéus", em que o narrador em primeira pessoa nos conta um causo aparentemente banal, mas que revela o horror de uma cidade desconhecida. Por fim, de Pedro Augusto de Oliveira Cuadrado Proença, temos o poema "Tristes são os Trópicos", um olhar crítico sobre o país, que conjuga presente e passado por meio de versos que realizam uma espécie de bricolagem literária.

Diante de um cenário político brasileiro (e também mundial) que revela novas crises, processos e rupturas, a seleção de textos presentes na edição de número 22 da Revista Crioula pretende ser um campo de diálogo, em que a literatura produzida em língua portuguesa se expressa em seus mais diversos contextos. Assim, ao oferecermos um espaço em que seja possível refletir e analisar as crises e suas repercussões sociais através da literatura, acreditamos ser possível apresentar não apenas uma forma de resistência, mas, sobretudo, uma linguagem literária e política que jamais deve ser silenciada.

Desejamos a todas e a todos uma excelente leitura!